

## Editorial

*Veras* publica nesta edição um dossiê especial sobre Clima Escolar e Construção de Valores que traz, para começo dessa rica conversa, uma entrevista com Telma Vinha, pesquisadora da Unicamp ligada ao Gepem (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral) e uma das mais atuantes educadoras nessa ampla zona de intersecção entre os saberes da Psicologia e a Pedagogia. Em tempos de pandemia, quarentena e distanciamento social, as contribuições dessa área para tornar a escola um espaço democrático de prática de cidadania e de solidariedade se tornam ainda mais necessárias.

Na entrevista, a professora do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Unicamp relata o que ela e a equipe que implantou um projeto-piloto de melhoria do clima escolar em escolas públicas de Campinas e Paulínia (SP) aprenderam com a experiência, que agora entra em uma nova fase, envolvendo cerca de 600 escolas, principalmente da região Nordeste. Outros temas próximos, como as melhores estratégias para o enfrentamento do bullying, a dificuldade que os professores têm para lidarem com os conflitos – algo inerente à escola, ela frisa – e o impacto psicológico provocado pela pandemia na educação, também foram abordados nessa entrevista, que se encerra com um conselho da educadora para a volta às aulas: a escola neste ano precisa ser mais acolhedora e menos conteudista, “mais humana e humanizadora”, pois não dá para ignorar o sofrimento provocado pela pandemia. “Além de que lidar com as emoções também é conteúdo”, observa Telma Vinha.

Nosso dossiê avança nesse tema que se tornou ainda mais urgente com um instigante ensaio, *As paredes também falam*, escrito por Yves de La Taille, professor titular aposentado do Instituto de Psicologia da USP com uma vasta obra relacionada à psicologia moral. Sem dúvida, trata-se de uma



das mais respeitadas vozes quando o tema é clima escolar e muito nos orgulha sermos porta-voz da reflexão provocativa do educador, que nos leva a pensar sobre as mensagens subliminares ou explícitas presentes nos corredores, nas salas de aula e demais espaços de convívio de uma escola. E como elas revelam, ou silenciam, os valores de cada instituição. Um recado que soa especialmente contundente para algumas organizações de ensino da rede privada que, na visão de Yves de La Taille, vêm se mostrando por demais seduzidas pelo aparato tecnológico.

Entre os artigos que integram o dossiê, quatro trazem relatos de experiências. O primeiro deles se debruça sobre um dos temas também abordados na entrevista: o fato de a escola ser um lugar com muitas regras – muitas delas que soam injustas ou incompreensíveis para as crianças e os jovens. Assim, em *Infância e participação na escola: que sentido as crianças atribuem às regras e normas dessa instituição?*, as autoras do artigo, Conceição Firmina Seixas Silva e Maria Aparecida da Silva, realizaram oito encontros com 31 alunos de 5º ano de uma escola da cidade do Rio de Janeiro para discutirem as regras da escola. Apesar das inúmeras queixas às regras escolares, observaram que as crianças “consideram a importância de algumas regras para manter a convivência coletiva, e denunciam aquelas que servem unicamente para cercear os seus corpos”.

O segundo relato de experiência aborda o enfrentamento de um caso de bullying por meio do Método Pikas, que nossa entrevistada aponta como sendo uma das ferramentas mais efetivas à disposição dos gestores e educadores para lidar com esse grave problema. Daniel Rodrigo Pereira Veras e Thais Bozza, em *Análise do emprego do Método de Preocupação Compartilhada (Método Pikas) em uma situação de maus-tratos entre pares*, registraram o procedimento praticado por uma escola particular da cidade de São Paulo, a partir de duas categorias de análise: estrutura física e pessoal da instituição participante e a atuação do mediador. O artigo torna-se bastante efetivo como meio de ver essa ferramenta criada por Anatol Pikas em pleno funcionamento. Os autores também trazem reflexões importantes acerca dos limites dessa metodologia, embora concluam pela eficácia do



método como forma de intervenção contra uma situação de bullying que já se encontra instalada.

O mais importante, sem dúvida, é evitar que se chegue ao bullying, por meio de uma atenção constante ao clima escolar. E um dos instrumentos de avaliação foi objeto do terceiro relato de experiência que integra este dossiê. *Instrumentos de avaliação do clima escolar adaptados aos anos iniciais do Ensino Fundamental: evidências de validação*, de Elvira Maria P. P. Ribeiro Parente, Patrícia Unger Raphael Bataglia e Thais São João Castellini, apresenta a validação dos instrumentos de avaliação do clima escolar a partir da análise das respostas a um questionário de 76 itens relacionados ao clima escolar, preenchido por 756 crianças de 3º, 4º e 5º anos. Quando as pesquisadoras, ligadas ao Gepem, fizeram uma devolutiva aos gestores das 15 escolas no segundo semestre de 2020 em relação aos resultados da pesquisa, observaram: “Todas as escolas indicaram que o instrumento retratava bem a realidade vivida. No que diz respeito às surpresas, a maioria indicou alguns pontos que chamaram atenção e que antes ainda não haviam observado, demonstrando ainda assim concordância com os resultados apresentados”.

Um relato de experiência que buscou avaliar se havia diferenças entre meninas e meninos em relação a alguns valores morais é o próximo artigo do dossiê. Em *Gênero e valores morais: uma análise na adesão de meninas e meninos aos valores da justiça e da solidariedade*, Eduardo Fanis e Sanderli Aparecida Bicudo Bomfim buscaram responder a uma suposição inicial: “Por vivermos em uma sociedade sexista e isso afetar diretamente a educação das crianças, nossa hipótese foi que os meninos apresentariam um percentual maior na adesão à justiça, e as meninas apresentariam percentual maior quanto ao valor solidariedade”. A hipótese não se confirmou, relatam os autores, pois as meninas apresentaram percentuais maiores de adesão que os meninos em relação aos dois valores.

Já o artigo *Juízos de educadores do Ensino Fundamental: análise do contexto de uma escola municipal de Vitória-ES*, de Mayara Gama de Lima, Heloisa Moulin de Alencar e

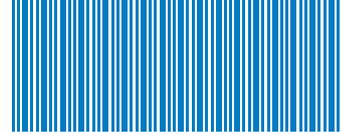


Leandra Lúcia Moraes Couto, é uma pesquisa qualitativa, feita com 14 professores de uma escola pública capixaba, que também buscou avaliar o clima escolar de uma instituição por meio dos juízos de educadores acerca das características da escola e seu entorno, bem como da qualidade das relações sociais, dos principais problemas da instituição e de suas possíveis resoluções.

Na categoria Revisão Bibliográfica há, também, contribuições muito bem-vindas neste dossiê. *Um levantamento bibliográfico sobre bullying entre crianças de 3 a 6 anos*, de Claudia Cardero e Sanderli Aparecida Bicudo Bomfim, constata a quase ausência de trabalhos sobre bullying com crianças pequenas: nos últimos cinco anos apenas três artigos foram publicados nas plataformas acadêmicas pesquisadas pela dupla.

O uso de jogos de tabuleiro como meio pedagógico para favorecer o desenvolvimento moral das crianças, com o uso de regras, o incentivo à cooperação e a superação do egocentrismo moral e intelectual, é investigado, por meio de uma pesquisa de revisão bibliográfica, no artigo *Jogar como prática para favorecer a cooperação e o desenvolvimento moral*, de Lucia Ghisalberti. Partindo de um corpus de 183 artigos, a autora realiza diversos procedimentos de filtragem até chegar a seis artigos que, efetivamente, abordam o tema procurado pela pesquisadora, a saber: o uso de jogos como forma de incentivar o desenvolvimento moral de crianças pequenas.

Outra revisão bibliográfica que integra este dossiê é *O elogio construtivo docente: contribuições para o desenvolvimento moral de estudantes*, de Danila Di Pietro Zambianco e Juliana de Oliveira Fidalgo Paulo Duarte. Partindo do referencial teórico da psicologia moral construtivista, as autoras observaram que o elogio docente, quando feito com linguagem descritiva, pode contribuir para o desenvolvimento moral de estudantes, favorecendo a construção do autorrespeito e da autonomia. Essa forma de elogiar, segundo as autoras, focalizaria esforços, ações e sentimentos, em vez de exigir do estudante um produto final que corresponda às expectativas do julgamento externo.

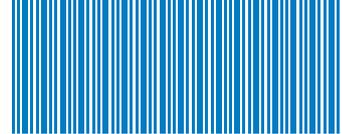


Por sua vez, Giovana Bisignano Siqueira e Luciana Aparecida Nogueira da Cruz, no artigo *As contribuições da Comunicação Não Violenta (CNV) na construção de um Ambiente Sociomoral*, encontraram em suas pesquisas oito artigos publicados em revistas científicas que destacam as contribuições da CNV para a melhora do clima escolar.

Há, também, um livro novo sobre o tema do nosso dossiê, lançado em 2020, e aqui apresentado pela professora Patrícia Unger Raphael Bataglia, do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Campus de Marília. A resenha de *Clima escolar no Brasil: construção, testagem e validação de questionários avaliativos*, de Adriano Moro, encerra este dossiê.

Mas a edição traz ainda outros temas relacionados ao universo da educação, como a posição ambígua e pouco visível de um importante profissional da área cultural que, por razões óbvias, possui diversas interfaces com as escolas: o mediador cultural. No artigo *Educação e Cultura: o não reconhecimento do trabalho do mediador cultural*, Cintia Maria da Silva observa como essa ocupação vem tendo seu potencial sucateado e invisibilizado por meio de práticas neoliberais que precarizam as relações e condições de trabalho, ferindo suas possibilidades de criticidade e planejamento. Para a pesquisadora, o reconhecimento e a inserção dessa atividade trabalhista na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) seria um importante passo na luta trabalhista dessa categoria, tão próxima dos estudantes e professores.

Encerram esta edição dois artigos sobre os efeitos da pandemia na escola e na sociedade como um todo. Mariana da Silva Souza, Larissa Carolina Barbosa Aliberti e Ana Paula Mateus, no artigo *Do presencial ao virtual: ações para a continuidade no momento de ruptura*, trazem o relato de uma experiência vivida por elas no ateliescola Acaia, que atende uma população de baixa renda na zona oeste da capital paulista, com a entrega de computadores pessoais para as crianças e como essa ferramenta impactou a relação entre as crianças, suas famílias e a escola. Já Liodoro de



Mello combina o tema da pandemia com um outro tema da atualidade, a saber, o desenvolvimento social em uma sociedade de consumo, no texto intitulado *A concepção de H. Daly sobre o desenvolvimento sem crescimento em Marx nos tempos de pandemia*. Os dois textos apontam como a crise econômica e a crise sanitária impactam a educação, aumentam as desigualdades sociais e nos convidam a nos reinventarmos em nossas práticas.

Boa leitura!

Regina Scarpa (Diretora Pedagógica do Instituto Vera Cruz),  
Ricardo Prado e Gabriela Valente (editores da *Veras*)

